

OK

copel

INFORMAÇÕES

ANO IV · Nº 26 · JULHO/AGOSTO · 1973

EDIÇÃO ESPECIAL

PROF. PEDRO VIRIATO PARIGOT DE SOUZA HOMENAGEM





Ausente da Companhia para chefiar o Executivo paranaense, era sempre lembrado com especial carinho pela Família Copeliana. Nas festividades que assinalaram a passagem do 18º aniversário da COPEL, o Prof. Parigot foi homenageado juntamente com os empregados que completavam 10 anos de serviço (à sua esquerda, Dona Egypcialinda, Dona Elza Müller Andreoli e o Diretor Presidente, engenheiro Arturo Andreoli).

Engenheiro Arturo Andreoli

A emoção pela perda do mestre, do chefe e do amigo, ainda está muito viva para que possa trazer um depoimento mais realista, sobre o que foi e representou, particularmente para mim, a figura inolvidável do Prof. Parigot de Souza.

Fui seu aluno devotado; depois, seu assistente na cadeira que regia na Universidade; em seguida, seu auxiliar e colaborador na Empresa que por dez anos dirigiu e, por último, seu sucessor na Presidência da COPEL, quando ele foi chamado para altas funções políticas — que exerceu como Governador do Paraná, onde a morte o colheu.

Mesmo fora da COPEL, não rompeu seus vínculos com ela. Embora em posição hierarquicamente superior, acompanhou-a com muito carinho, mesmo porque esta Empresa funciona, como se sabe, sob o controle acionário do Governo do Estado, como um dos instrumentos básicos de seu

desenvolvimento, o que se deve sobretudo ao Prof. Parigot.

Nesse sentido, deixou no setor da eletrificação uma obra imperecível, pedestal de sua invulgar notoriedade pública.

A distância que a hierarquia o obrigava a guardar nunca foi, entretanto, obstáculo para uma profunda amizade e, o que é mais importante, para que sua ascendência pudesse, alguma vez, influir construtivamente na própria individualidade dos colaboradores, em todo o curso de um estreito e fecundo convívio.

Não direi — em respeito tanto aos que são seus filhos, como ao meu próprio progenitor — que nosso relacionamento tenha representado, para nós, a encarnação dos vínculos que unem pai e filho; mas foi algo muito próximo disso, sempre, porém, com a sábia complacência de aceitar as diferenças entre as gerações, entendendo que a vida e a verdade de um



Na festa em sua homenagem, quando se despedia da Empresa, a saudação aos que aqui ficavam (10.07.70).

homem nunca é a verdade e a vida de outro homem.

Era tolerante para com as pessoas, mas não com as imperfeições e fraquezas humanas, as quais apontava com causticante rigor, para exemplo do que um homem não deve ser. Foi, realmente, uma fonte inesgotável de saber e de experiências e, portanto, de ensinamentos. Entretanto, só tiveram o privilégio de aproveitá-los os que viveram próximos dele, em razão de um de seus traços inconfundíveis e raros, que o levava a não alardear conhecimentos, nem a chamar sobre si a atenção dos que teriam muito a aprender com ele.

Acima de tudo, foi austero e probo. Exemplo de honestidade em toda a linha. Consigo mesmo especialmente, pois jamais soube se cobrar do valor e do alto preço que todos lhe prestavam. Morreu pobre, com aquela digna grandeza dos homens

que movimentaram valores públicos aos bilhões, sem entretanto dispor de suficientes recursos próprios, ao menos para um tratamento adequado de sua saúde, sofrendo — em silêncio e sem queixas — os males que em crescendo se agravavam. Entregava-se ardentemente ao que entendia ser o seu dever, e agia como se tudo o que fazia fosse mais valioso que a sua própria vida, principalmente quando, no Governo, já com a saúde abalada, se exauriu para não ser causa de novas crises.

Não há exagero em dizer que, poucas vezes, em cada geração, o Paraná produziu filhos dessa estatura, com uma autoridade pessoal, própria somente das lideranças naturais mais autênticas.

Viveu a vida toda na obscuridade da província, resistindo aos atrativos dos grandes centros nacionais, onde, às vezes, o ouro que mais brilha, é o de menor

teor de pureza. E não por timidez ou comodismo, mas porque entendia que o Brasil precisava interiorizar-se para a valorização de si mesmo.

Amava as artes e os livros, que lhe deram uma sensibilidade aguda para decifrar os teoremas existenciais e para apreciar — pintores, poetas e prosadores — ele que era, por formação, um técnico, um professor de Hidráulica, um matemático, um cartesiano, aparentemente indefeso aos imaginosos caprichos da emotividade.

Tinha uma visão sociológica de seu tempo, de seu País e, principalmente, de seu Estado, que amou com lúcido espírito crítico, sabendo avaliar as suas influências estruturais, mas também as potencialidades reais, capazes de superá-las.

Enfim, foi para mim — e creio que para todos — uma perda irreparável, deixando um vazio que sentimos não só ao nosso redor como dentro de nossos corações.

Formado em 1937 pela Escola de Engenharia da Universidade Federal do Paraná

Na prancheta, o Engenheiro Parigot de Souza mantinha os mesmos princípios de disciplina, métodos, organização de trabalho e responsabilidade ministrados na escola. Equipado com rara acuidade na análise dos fenômenos de sua época, conhecia muito bem os caminhos para o progresso, sem jamais deixar-se levar por atalhos ou desvios simplistas do imediatismo.

A capacidade intuitiva de soluções para problemas transcendentes à vivência momentânea era um dos seus atributos pessoais. E muitas vezes colocava-se na vanguarda de posições que só a evolução dos acontecimentos viria justificar.

Muitos dos projetos que desenvolveu no setor de hidráulica, há décadas passadas, apresentam características qualitativas demais avançadas para o momento da concepção, evidenciando a maturação de idéias sobre os apelos da tecnologia moderna.

Como Engenheiro do antigo Departamento Nacional de Portos, Rios e Canais, onde ingressou por concurso de títulos e provas, Parigot de Souza pôde revelar a cepa de técnico competente que caracterizou todos os empreendimentos de sua brilhante carreira no serviço público.

Primeiro a elaborar um trabalho de hidrologia sobre chuvas intensas em Curi-



O programa energético — e em consequência, o atual estágio em que se encontra hoje o Paraná e a própria COPEL, a terceira maior empresa estadual de energia elétrica no País — deve-se basicamente ao Professor Parigot.

tiba, foi também Chefe da construção de obras de regularização fluvial no rio Iguaçu, bem como fiscal de obras de atracação nos Portos de Paranaguá e Antonina. Desempenhou ainda dezenas de outros

encargos técnicos, entre eles: Estudo, Projeto e Fiscalização da construção do Canal do Varadouro, entre Paraná e São Paulo; projetos da instalação de portos fluviais em Porto Amazonas e Foz do

Eram frequentes suas reuniões com o "staff" da Empresa. Esta foi realizada na Usina Hidrelétrica "Júlio de Mesquita Filho".



Iguaçu; revisão do Plano Hidráulico do Paraná; comissão de estudo do reforço de abastecimento de água para Curitiba; projetos de abastecimento de água nos Estados de Santa Catarina e do Paraná; anteprojetos básicos de barragens de navegação nos rios Jacuí (Fandango e Anel de Dom Marco) e Taquari (Bom Retiro); Presidente do Instituto de Engenharia do Paraná; Diretor do Instituto de Mecânica da Universidade Federal do Paraná; Presidente do Conselho de Administração da Central Elétrica Capivari-Cachoeira; e Secretário Executivo do Comitê de Estudos Energéticos da Região Sul, para não falar da atuação na COPEL, objeto de capítulo à parte.

Em cada uma dessas missões sempre sobressaía a dedicação, temperada com alta dose de discernimento. Meticuloso na aplicação dos seus conhecimentos técnicos, Parigot de Souza era intransigente sobretudo no respeito com que o profissional deve exercer as suas atribuições. O técnico quando debruça sobre a prancheta, tem de dar tudo de si, saber o que está fazendo para poder impor-se ante o julgamento do seu trabalho, valorizando-o sempre.

Essa linha de conduta profissional e ética, o Professor Parigot de Souza transmitiu a todos que com ele conviveram. O espírito de equipe predominava nas tarefas que não podia realizar sozinho, embora a execução das mesmas fosse exigida daqueles a quem delegasse atribuições.

Na escolha dos seus auxiliares, Parigot de Souza possuía um olho clínico invulgar. Muitos dos que com ele colaboraram na Escola ou em grupos de trabalho técnico estão ocupando cargos importantes no serviço público e na iniciativa privada, como resultante da metodologia de trabalho e da preparação profissional que a convivência com o mestre possibilitou.



As decisões tomadas pelo Professor Parigot de Souza foram encaminhadas sempre no sentido do crescimento da COPEL e do desenvolvimento do Estado.

O ex-governador Paulo Cruz Pimentel é informado pelo Professor Parigot sobre a construção da Hidrelétrica "Júlio de Mesquita Filho".



Boletim bimestral editado
pela Assessoria de Relações Públicas



COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA ELÉTRICA COPEL

Editoria Rua Coronel Dulcídio 800, 10º andar

CURITIBA PARANÁ



Editor Responsável Marcus Aurélio de Castro
Arte Francisco Bettega Netto

Texto Sérgio Almeida
Impressão Kingraf

Associado à ABERJE (Associação Brasileira
de Editores de Revistas e Jornais de Empresa)

Catedrático de Hidráulica Teórica e Aplicada da Universidade Federal do Paraná
Diretor do Centro de Estudos e Pesquisas de Hidrologia

Membro do Conselho de Pesquisas da UFP

Membro do Conselho Federal de Educação (do Ministério da Educação)

Dotado de uma cultura geral invejável, Parigot de Souza foi a um só tempo modelo de professor, de engenheiro, de técnico e, inclusive, de matemático. Esta faceta da sua formação cultural, pouco conhecida, ele revelou em 1948, durante a defesa de tese sobre "Vazão dos Rios", que apresentou no concurso para a cátedra de hidráulica.

A banca examinadora ficou tomada de surpresa e alguns de seus membros mais chegados aos hábitos do professor não puderam disfarçar certa apreensão quando o candidato começou a desenvolver complicadas equações de matemática. Normalmente bastaria a citação das fórmulas abstratas, mas o jovem mestre fez questão de demonstrá-las para reforço da tese.

Nunca se isolou no comodismo de quem julga o diploma como atestado de sabedoria. Pelo contrário, o seu espírito inquieto por novos conhecimentos levava-o a ampliar constantemente a pesquisa não só na sua especialidade como em outros setores do saber humano.

Da Engenharia aos meandros da Filosofia, Mitologia e Ética o percurso era conhecido intimamente pelo professor. Na associação desses conhecimentos invulgares ele tirava os elementos indispensáveis ao bom mestre que, no seu entendimento, nunca deve ser bitolado pela "viscira".

Não raras vêzes, Parigot de Souza, com a ironia peculiar de um cavalheiro, dizia para os bons entendedores que "todo homem tem o direito de ser burro, mas a burrice deve ter um limite a fim de que não prejudique o próximo". E ia



além, com outra expressão reproduzida da Mitologia — a Túnica de Djanira: "Muitos vestem a túnica de Djanira e nunca mais a tiram do corpo".

Observações desta natureza eram discretamente dirigidas a alguns colegas universitários que, a despeito da posição ocupada na escola, para ele estavam frustrando as esperanças da juventude estudiosa e de futuros profissionais. Não que assim procedesse por desídia ou autoconvencimento de suas qualidades intelectuais. Simplesmente porque entendia que a responsabilidade de quem ensina é muito grande. O professor não deve se acomodar sobre bases falsas. Tem de pesquisar, atualizar-se e sobretudo aliar o ensino teórico ao exercício prático, primordialmente na Engenharia, em que eles não podem ser separados.

Rigoroso nas notas e exigente no perfeito cumprimento das tarefas de sua Cadeira, o Mestre não transigia nas aulas e sabia aplicar, nos momentos oportunos, vergastas morais que inibiam qualquer tentativa de quebra da disciplina.

O respeito que impunha perante os membros da congregação e entre os alunos capitalizou-lhe uma posição de liderança na Escola de Engenharia que sempre exerceu com muita habilidade.

Em várias ocasiões desempenhou missões de moderador ou articulador dentro da Congregação, face à seriedade e conceituação que inspirava.

Do longo labor como catedrático de Hidráulica Teórica e Aplicada resultaram numerosos benefícios. O imediato foi a valorização e dinamização daquela disciplina na Universidade Federal do Paraná que, antes dele, era inexpressiva.

O desenvolvimento efetivo do ensino de Hidráulica no Estado se deve exclusivamente ao Professor Parigot de Souza, como precursor das conseqüências advindas posteriormente.

Deve-se atentar principalmente para o efeito multiplicador dos ensinamentos ministrados a quantos passaram pelos bancos universitários sob sua competente batuta. São governadores de Estado, professores e técnicos que, na função pública ou na iniciativa privada, estão seguindo o exemplo de trabalho, caráter, consciência profissional e dedicação inspirados pelo professor de voz pausada, timbre suave mas de alcance imensurável nos horizontes da sabedoria humana.

Das honrarias que pôde ter, as que mais prezava eram justamente aquelas ligadas ou consequentes da atividade de professor universitário. A escola sempre em primeiro plano.

Como membro do Conselho Federal de Educação deixou ainda contribuições pessoais para o desenvolvimento do ensino em vários pontos do país, fruto do seu abalizado tirocínio. Mais recentemente conquistou a Ordem Nacional do Mérito Educativo, numa manifestação de apreço ao trabalho em pról do sistema educacional brasileiro.

Mas a melhor homenagem, que lhe tocou profundamente o espírito, foi ver que no Centro de Estudos de Pesquisas de Hidráulica e Hidrologia da Universidade Federal do Paraná, criado sob sua inspiração, discípulos diligentes continuavam trilhando os caminhos por ele delineados para que as novas gerações possam dimensionar futuramente a importância do seu legado.



O Professor esteve presente em todas as festividades da Companhia, principalmente às que significassem maior união entre os funcionários. Quando a COPEL cumpriu 10 anos, fez parte, com Dona Egypcialinda, da mesa central, juntamente com o engenheiro Hiran Rolim Lamas e senhora, Dr. Affonso de Camargo Neto e senhora, engenheiro Maurício Schullman e senhora e Senhora Adeodato Volpi (26.10.64).

Nessa mesma comemoração presenciou a entrega feita ao engenheiro Maurício Schullman — um dos seus mais efetivos e permanentes colaboradores na COPEL e no Governo, como Secretário da Fazenda, cargo que ocupa também no Governo Emílio Hoffmann Gomes — o certificado de dez anos na Empresa.



Tendo atravessado diversos períodos governamentais como Diretor Presidente da COPEL, o Professor Parigot de Souza teve a oportunidade de recepcionar inúmeras autoridades. Acima, quando recebia, no almoxarifado do Atuba, o Presidente Castello Branco (setembro de 1964).

Esteve também presente à inauguração da subestação abaixadora de Campo Mourão, procedida pelo então Ministro das Minas e Energia, engenheiro Mauro Thibau, e pelo ex-governador Ney Amintas de Barros Braga. A Usina Hidrelétrica Mourão I seria inaugurada momentos após (08.11.64).





A ação do Diretor Presidente da COPEL se desdobrava em frentes multiformes. Aqui, quando recebia, no Rio de Janeiro, cheque correspondente a um financiamento da USAID.

Diretor Técnico da COPEL de 1955 até fevereiro de 1956.

Diretor Presidente da COPEL de fevereiro de 1961 a junho de 1970.

A história do sistema energético Paranaense está muito bem definida no tempo e em torno de um nome: Pedro Viriato Parigot de Souza. Antes e depois dele os contornos são nítidos, tanto pelo convencimento estatístico quanto pelos reflexos sociais, econômicos e políticos que o processo desencadeou.

No curto período de 1955 a 1956, quando foi Diretor Técnico da COPEL, Parigot de Souza promoveu a organização administrativa da empresa que permanecia inoperante desde a fundação em 1954. E, posteriormente, em fevereiro de 1961, teve início a grande arrancada para eletrificação do Paraná, com a eleição para o cargo de Diretor Presidente.

Em costumeiras observações de sutilezas, Parigot de Souza comentava com os íntimos a aparente disparidade de sua ida para uma empresa de energia elétrica, contrastando com as funções especializadas que havia desempenhado até então.

“Eu sempre ensinei e executei projetos, na sua maioria, ligados à hidráulica e hidrologia. E, agora, vou para uma Companhia que só trata de energia elétrica.”

Nem incongruência profissional, nem vacilação ante as altas responsabilidades que iria assumir. Um pouco de modéstia, apenas. Na realidade, a descoberta do professor para aquele importante cargo surgiu da boa impressão causada por um projeto de hidrologia sobre chuvas intensas em Curitiba que executou em 1959. Naquele trabalho e em outros realizados anteriormente o que sobressaía eram as suas qualidades de técnico.

Até 1961 o setor energético do Paraná estava completamente emperrado. Havia poucos sistemas isolados de abastecimento de energia elétrica (os principais em

Curitiba, Ponta Grossa e Londrina) e, além disso, deficientes. A COPEL atendia diretamente a 14 localidades e a potência instalada não passava de 10 mil quilowatts. Esse panorama sombrio, frequentemente, ocasionava sérias tensões sociais.

Na direção da COPEL, o Professor Parigot de Souza tratou, primeiro, de por a casa em ordem, para isso aplicando seus conhecidos métodos de trabalho: tranquilidade, busca de eficiência, espírito de equipe, responsabilidades compartilhadas e bem definidas, com resultados verificáveis objetivamente.

Montada a estrutura administrativa adequada, retomou os estudos de projetos para execução de pequenas, médias e grandes usinas, que iriam solucionar os problemas de carência energética. Em Curitiba e algumas cidades do interior paranaense foram instaladas unidades geradoras de emergência até que os projetos de hidrelétricas pudessem estabilizar o sistema.



Acompanhado pelo Professor Parigot e pelo então Governador Paulo Pimentel, o General José Costa Cavalcanti — na oportunidade Ministro das Minas e Energia — descerra a fita, inaugurando a Hidrelétrica de Salto Grande do Iguçu (28.09.67).

Ao longo da década de 1960, a COPEL modificou o panorama da energia elétrica no Estado, mediante o funcionamento sucessivo das Hidrelétricas de Mourão I, Salto Grande do Iguçu, “Julio de Mesquita Filho” e outras unidades menores.

Para uma empresa que partira do marco zero, o ano de 1970 já revelava índices auspiciosos: elevação da potência instalada em usinas e subestações para 389 mil kW; atendimento de 278 localidades; 6.156 quilômetros em linhas de transmissão; produção total de 720 milhões de kWh; 134.475 ligações; e capital social da empresa da ordem de 500 milhões de cruzeiros.

Estes números, acrescidos da expansão posterior que a Usina Hidrelétrica de Capivari-Cachoeira (250 mil kW) propiciou a partir do final de 1970, explicam o que foi a administração do professor Parigot de Souza na Presidência da COPEL. Dos projetos executados, Capivari-Cachoeira destaca-se, obviamente, não

só pelo porte, mas por refletir a busca de solução mais duradoura para as necessidades de consumo energético a médio prazo.

A planificação do programa comandado pelo titular da COPEL partiu de bases reais da carência energética no início de 1960 e da projeção que o mercado consumidor teria durante o próximo decênio. Enquanto se provia uma situação de emergência com Usinas “Diesel”, o processo era escalonado com a construção de unidades hidrelétricas, prevenindo-se a natural expansão da demanda.

Durante a inauguração da Subestação de Uberaba e da linha Uberaba-Morretes, em maio de 1970, o Professor Parigot de Souza dimensionava assim o seu pensamento sobre a evolução do complexo energético no Paraná: “As duas obras representam como que parte da cúpula de um imenso edifício que há longos e árduos anos vem sendo erigido. Isto porque já não mais nos encontramos nos

primórdios da realização de um plano de eletrificação, ao longo do qual se estabelece a estrutura básica de produção e distribuição da energia elétrica. Nem estamos ainda no ponto em que, configurada ou afeiçoada a estrutura fundamental, o trabalho sucessivo vai se constituir na ampliação e no aperfeiçoamento operacionais. Estamos já mergulhados em pleno regime de transição em que os dois aspectos começam a se confundir e um vai emergindo do outro.”

“Não há como se falar no definitivo quando se trata de energia, ainda que este definitivo seja pensado em termos de uma ou duas décadas. O que se faz necessário é manter o processo de crescimento ininterrupto e operar com largueza de previsão, sem ultrapassar ou rebaixar os limites da prudência.”

Concernente com esta visão é que se estruturou a Companhia Paranaense de Energia Elétrica, hoje a maior empresa do Paraná e a terceira do seu gênero em todo o país. A posição de destaque, o



Reunião em Palácio para assinatura de financiamento destinado à Hidrelétrica "Júlio de Mesquita Filho" (05.10.66).

Ao receber o título de Cidadão Honorário de Apucarana (16.10.69), foi saudado pelo Dr. Valmor Giavarina, então Prefeito daquela cidade, que destacou em sua fala "a ação da COPEL seguramente dirigida pelo homenageado em prol do desenvolvimento do Paraná".

"know-how" adquirido e o conceito que desfruta a Companhia nos bastidores federais reflete-se na delegação de encargos que recebeu para construir a Usina de Salto Osório, bem como a recente concessão para construir a Usina Hidrelétrica da Foz do Rio Areia.

Para o Professor Parigot de Souza, mais importante do que vender "quilowatt", a função de uma empresa de energia elétrica é servir à população no que possa contribuir para concretizar suas aspirações de progresso e bem-estar. Assim entendeu e agiu na COPEL, jamais se curvando a pedidos ou imposições que desviassem a marcha na direção do interesse coletivo.

O impulso industrial que o Estado experimenta, o desfrute do conforto produzido pela eletricidade e as perspectivas abertas à ativação do desenvolvimento paranaense são fatos que ninguém pode desligar na figura de Parigot de Souza.



Posse no cargo de Vice-Governador em 15 de março de 1971

Posse no cargo de Governador em 23 de novembro de 1971



Momento em que o Presidente Emílio Garrastázú Médici, sob as vistas do Professor Parigot, inaugura, em janeiro de 1971, a Usina Hidrelétrica de Capivari-Cahoeira (Usina Hidrelétrica Governador Parigot de Souza, conforme Decreto nº 4187, cujo teor é reproduzido na última página desta edição).

Ao assumir as funções de Vice-Governador do Paraná, o Professor Parigot de Souza definia a sua posição como a de um colaborador que pretendia mudar a feição decorativa do cargo, transformando-o num apêndice atuante da administração estadual.

“Com fé, coragem e sob a inspiração de Deus, ajudaremos o nosso povo a fazer definitivamente as bases do futuro”. Não eram promessas vãs de cortejo à popularidade inconsequente, porém, traduziam até certo ponto os anseios coletivos de que pudesse encontrar condições para oferecer ao Estado a longa experiência de administrador, calcada na premissa do planejamento.

Pouco tempo depois, no entanto, Parigot não escondia o seu desapontamento com os rumos que o Governo paranaense estava tomando, a ponto de quase ter renunciado ao cargo de Vice-Governador. Só não o fez porque um amigo o advertiu de que a renúncia era incompatível com a sua elevação de caráter.

Assim, ele permaneceu, até que os episódios político-institucionais acabaram por conduzi-lo ao Governo e à concretização das diretrizes traçadas.

E no seu discurso de posse como Governador já anunciava o propósito de manter o estilo de trabalho em busca da eficiência e do equilíbrio da ação com os Poderes constituídos, num sistema de prestigiamento recíproco em torno dos sagrados interesses públicos”.

“Os fins dessa ação — irisava — concentram-se no aperfeiçoamento da sociedade mediante a crescente realização do modelo brasileiro; uma sociedade conscientemente livre e cristã, homogênea, aberta à ascensão econômica, social e cultural do homem”. O conteúdo dessa ação seria o de traduzir os objetivos nacionais em termos estaduais, de acordo com a formulação do Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico-Social.

Na elaboração do Diagnóstico e Diretrizes de Ação havia uma preocupação de ordem conceitual: o que é governar? Seria abrir estradas, construir escolas, equipar Hospitais? A resposta a qualquer um dos tópicos poderia satisfazer, dependendo da acuidade de quem estivesse no comando das decisões. Para o Professor Parigot de Souza a sua visão ampla das necessidades e possibilidades do Estado exigia uma definição igualmente ampla.

“Governar é adotar e indicar ca-



Em seu período vice-governamental, o Professor continuou a prestigiar eventos da COPEL. O instante registra a entrega do Troféu Parigot de Souza à equipe vencedora em torneio disputado em Salto Osório.

minhos que conduzam ao aumento do bem-estar social da população”. Nesse conceito concentrou-se a filosofia de trabalho do documento que, simultaneamente, radiografou a situação do Estado e indicou as linhas mestras a seguir.

O novo estilo de governo planejado sensibilizou a todas as classes, principalmente o empresariado que teve constante prestígio e estímulo da administração Parigot de Souza. Mais do que ninguém ele entendia que o empresário é quem toca a economia. Portanto, ambos, governo e empresário, têm de aliar-se na tarefa do desenvolvimento. O governo indicando as coordenadas, concedendo estímulos e o empresário respondendo ao apelo com dinamismo.

Nessa mobilização geral das forças atuantes na vida estadual, o Governador Parigot de Souza conseguiu motivar para o engajamento de fontes de recursos naturais inexploradas, como os minérios. Além da Semana da Mineração, coordenada por ele, quando ainda na Vice-Governança, houve a elaboração de estudos técnicos à guisa de subsídios para atração de investimentos.

Outra iniciativa de grande repercussão refere-se aos Encontros da Integração Municipal, como desdobramento do plano de governo. Em reuniões programadas periodicamente, os Prefeitos de cada microregião do Estado, onde os problemas se agrupam por afinidade, têm

oportunidade de debater com os Secretários e outros assessores do governo o encaminhamento de soluções aos anseios regionais. Com procedimento extremamente disciplinado, é o método que possibilita uma perfeita integração Município-Estado para a análise de assuntos administrativos.

O ajustamento das estruturas da máquina governamental para o desempenho eficiente de suas tarefas já demonstra resultados satisfatórios.

O próprio Governador Parigot de Souza, após um ano de exercício das medidas preliminares de planejamento integrado, teve a curiosidade de saber como iam as coisas.

“O que fizemos? Será que estamos no caminho certo?” — indagava aos assessores. Essa atitude peculiar do seu espírito inquieto com a realização dos interesses da coletividade justifica uma confissão feita ao ouvido de um conselheiro, quando se preparava para assumir o cargo na Chefia do Executivo Estadual.

“Pouca gente tem a coragem de dizer ao governador que ele está errado”. Com isso queria manifestar a sua preocupação pelo que qualificou de “isolacionismo” do Governo, quando o titular, investido da autoridade e prerrogativas da função, geralmente só recebe elogios. Parigot evidentemente conhecia este ângulo do Poder e porque não confundia as coisas, frequentemente buscava refletir sobre os seus atos em troca das idéias com amigos, longe do burburinho palaciano.

Assim, da indagação sobre o que se fez no primeiro ano de governo surgiu uma listagem condensada no livro “Paraná 1972 — Planejamento Ação Progresso”, por demais exaustiva para reprodução.

Entretanto, vale lembrar que a par da continuidade de obras prioritárias, o período possibilitou o início de grande parte das diretrizes contidas no documento preliminar, tais como: criação da Coordenação de Planejamento Estadual e dos Grupos Setoriais de Planejamento; assinatura de diversos convênios de cooperação com organismos da área federal; bom relacionamento com setores do governo federal, do que resultou o carreamento de recursos financeiros para obras no Estado.

Basicamente, o saldo positivo do novo estilo de governo foi o ajuste da máquina administrativa que começou a operar engrenada para responder a todos



Sua presença deu a exata medida da importância que teve para a produtiva região a integração de Palmas ao sistema energético da COPEL (18.08.72).

os apelos do crescimento estadual. Sem a ordem e a metodização implantadas, pouco se poderia esperar. Sob esse aspecto, o Paraná, no curto período da administração Parigot de Souza, experimentou o clima de tranquilidade e de harmonia que ele desejava para o seu Estado.

Com muita habilidade política que caracterizava as suas decisões, Parigot impôs o respeito e dignificou o relacionamento dos Poderes constituídos, bem como de todos os setores que mantiveram colaboração com o seu governo.

A política, como arte de governar, ele não ignorava. Dizia mesmo que não existe pessoa apolítica. No seu modo de ver, a política é a tradução das aspirações da população, através dos seus representantes, como manifestação do interesse coletivo e nunca de cunho pessoal.

Uma das suas observações que assinalou o perfeito conhecimento da política foi aquela feita no discurso sobre o título de Engenheiro do Ano, que recebeu do Instituto de Engenharia de São Paulo, em 1972.

“Como engenheiro aprendi muitas coisas. Como administrador descobri a existência de uma engenharia política. O normal é por-se um tijolo numa construção e ficar no lugar. E por-se outro ao seu lado. E assim fazer uma construção. Na engenharia política, não. Põe-se um tijolo e quando se vai por o outro, o primeiro já se mexeu”.

Esta, a visão da política que ele praticou, como forma de alcançar os supremos interesses do Estado e da população, mas não de atender a objetivos escusos.

No dia a dia do Palácio Iguauçu, o Professor Parigot de Souza deixou também sua marca de métodos e hábitos pessoais. Nunca parou qualquer processo em sua mesa mais do que o tempo suficiente para a leitura do texto, que fazia com critério e meticulosidade. Até incorreções gramaticais ele controlava e exigia que fossem sanadas, antes de apor sua assinatura.

Simple no trato com os assessores e cumpridor da hierarquia de funções foi fiel executor das pautas de audiências diárias. Essa preocupação levava-o ao sacrifício do bem estar pessoal, muitas vezes contrariando apelos dos auxiliares para que transferisse ou cancelasse compromissos.

A obstinação pelo cumprimento da missão foi tão grande que, em março deste ano, recusou o conselho de amigos, mais preocupados com seu estado de saúde do que ele próprio: “Não deixo o Governo porque o Paraná não pode sofrer, agora, outra crise política”.

E para não sacrificar a causa que abraçou com idealismo, teve abreviada a fecunda existência, numa entrega total ao Estado e a sua gente.



A foto familiar em Palácio, no dia de sua posse como Governador: Máximo Pinheiro Lima Júnior (genro), Maria Helena, Pedro, Dona Egypcialinda, Professor Parigot, Marília, Dilma (nora), e Luis Antônio. A foto de capa desta edição registra os dois momentos culminantes da posse do Professor: sua oração na Assembléia e a solenidade em Palácio.

Nascido em Curitiba, Paraná, a 26/02/916. Filho de Luiz Parigot de Souza e Aline Cordeiro de Souza.

Casado com Dona Egypcialinda Veloso de Souza.

Filhos: Luís Antonio, Maria Helena, Pedro e Marília.

E o chefe de família Parigot de Souza?

No conceito dos filhos, um pai exemplar e dedicado. A sua personalidade forte impunha o respeito as normas de disciplina, sem limitar, no entanto, o relacionamento afetivo nem o diálogo.

Nas reuniões familiares, principalmente às refeições, ele procurava orientar sobre determinados valores éticos e existenciais

que no seu entendimento representassem um padrão adequado de conduta a ser seguido pelos filhos.

Avesso aos privilégios, não permitia que os familiares usufruissem de quaisquer benefícios decorrentes das suas posições no serviço público. Exemplificava, freqüentemente, que "o dinheiro não cai no quintal de ninguém", numa demonstração de que a realização dos objetivos pessoais está intimamente ligada ao trabalho. Cada um se faz, pelo esforço próprio, merecedor de recompensas.

Um episódio que bem evidencia o espírito de isenção e imparcialidade nas suas atitudes ocorreu com o filho Luís Antonio, em 1959, quando cursava o Quarto Ano de Engenharia e tinha, forço-

samente, de freqüentar as aulas da disciplina lecionada pelo pai. Estrategicamente, o professor Parigot de Souza arrumou uma viagem à Europa e lá permaneceu seis meses, tempo suficiente para que o filho concluísse o ano letivo, afastando-se o impedimento de foro íntimo que o mestre guardava consigo.

Se lhe pedissem um conselho para determinada situação o apoio vinha em forma de opções. Ele indicava as diferentes alternativas, mostrando os pontos favoráveis e desfavoráveis da questão, mas não tomava partido. A decisão cabia unicamente ao interessado, derivando do livre arbítrio. Só que uma vez adotada a decisão, o responsável devia arcar com todas as conseqüências.

Na escolha da carreira profissional dos filhos também não houve a menor interferência. Parigot considerava que não importa a profissão em si, mas o desempenho eficiente que se dê a ela. É a maneira de exercê-la que interessa.

Todos os filhos ganharam viagens à Europa e uma recomendação especial: que se ocupassem mais com a aquisição de subsídios culturais dos lugares visitados do que com as compras de "souvenirs". Este era um traço típico do caráter do Professor Parigot de Souza, constantemente preocupado com a ampliação dos conhecimentos humanos. Quando se ausentava de casa em viagens de serviço pelo país ou no estrangeiro, escrevia muitas cartas para Dona Egypcialinda e os filhos. E entre o carinho recordado à família, expunha detalhadamente as experiências vividas, os anseios e pontos de vista sobre as suas observações.

Um hábito dificilmente quebrado, a não ser por força maior, era o rigor nos horários de refeições. Às 12h30m e 19h30m o almoço e o jantar deviam estar à mesa, com os quatro filhos e a esposa reunidos. Dona Egypcialinda tinha as honras de se servir em primeiro lugar. Aos domingos, porém, o almoço ia à mesa às 11h45m porque o Professor queria que a empregada se liberasse mais cedo dos seus afazeres.

Embora algumas vezes levasse para casa trabalhos para resolver, estes não prejudicavam o esquema de dedicação à família. Habitualmente, após o jantar diário, o casal realizava passeios a pé nas proximidades da residência, costume que só não podia ser cumprido nos tempos recentes da governança, pela irregularidade nos horários de retorno ao lar.

Nos fins de semana havia preferência pelos passeios ao ar livre, longe da poluição urbana, e nas viagens, sempre que possível, levava a esposa.

O carinho pelas coisas do Paraná se manifestava até nas artes. Possuía quadros de De Bona, Viaro, com motivos paranaenses. Apreciava música, teatro, mas detestava programas de televisão, preferindo a leitura nas horas vagas.

Crerioso na correção do vocabulário familiar, não gostava de gírias. E toda vez que um dos filhos deixasse escapar alguma frase dessas ele fazia ouvidos moucos ou, então, retrucava: "Não conheço esta linguagem."



A conversa amiga com os filhos, ao fim do dia (julho de 1970).



O Professor identificava de próprio punho as suas fotos. Nesta: "Apº de mamãe - Ed. Itália - julho de 1971".

Com Dona Egypcialinda, em visita a Foz do Iguaçu (Cataratas, 1971).



“Esse triste desenlace extingue as esperanças que durante a longa enfermidade, nunca me faltaram de que o eminente homem público viesse a completar sua missão, eliminando vida tão generosa e fecunda. Engenheiro e Professor, Presidente da COPEL, Vice-governador e Governador do Paraná, Parigot é exemplo de devotamento e inteligência a serviço de causa pública e de amor à sua terra. O meu representante pessoal, nas honras que lhe serão tributadas, Ministro Alfredo Buzaid, leva ao povo paranaense o testemunho de minha admiração pelo grande governador e pelo exemplo de abnegação no cumprimento do dever”. (Presidente-Emílio Garrastazu Médici).

“Mobilizou as suas forças morais e espirituais para suprir o que lhe faltava em energia física realizando uma administração que além de moralizadora, foi brilhante”. (Jornalista Theophilo de Andrade, dos “Diários Associados”).

“Hoje o Paraná se confronta com um homem e sua verdade. E verifica que foi a coerência e o espírito de sacrifício desse homem que criaram condições para o Estado emergir da crise em que se debatia e reencontrar seu caminho de desenvolvimento, tranqüilidade e paz social (. . .) E se as forças progressivamente lhe fugiam, a energia interior nunca lhe faltou. Reteve em suas mãos enfraquecidas a liderança da administração. Assumiu sem ônus, mesmo sabendo que dificilmente desfrutaria suas recompensas.

Hoje, resta o legado. Um legado que consiste basicamente numa lição de amor ao Paraná, que se beneficiou de seu trabalho como professor, como administrador e como Chefe do Governo. Em todos os setores, a mesma coerência de atitudes, idêntica devoção à verdade. Seu trabalho foi para dar ao Paraná o clima de ordem, de tranqüilidade, de otimismo e de ação que o Estado exige. A herança política e administrativa do Professor Parigot de Souza é de todos nós. Cumpre-nos respeitá-lo e, sobretudo, somar esforços neste momento de luto para transformar os ideais do professor Parigot na realidade otimista com que ele sonhou. A verdade não é simples, a coerência muito menos. O exemplo de amor à verdade, a lição de coerência, não devem resultar apenas em elogios póstumos. Ao contrário: serão o combustível que alimentará um novo

esforço para levar o Paraná a seu grande destino”. (Editorial “O Legado de Parigot”, d’O Estado do Paraná, 12.7.73).

“Homem da terra, nós o sabíamos um dos melhores varões da grei araucariana. Tínhamos, depois da fase conturbada que passamos, a certeza de que a tranqüilidade de S.Exa., decorrente de sua compreensão das fraquezas humanas, haveria de proporcionar ao Paraná o clima que todos necessitávamos de respeito aos bens — públicos; de competência, de exação funcional e de acendrado amor às coisas paranaenses”. (Editorial “Parigot de Souza”, da Gazeta do Povo, de 12.7.73).

“Ao Paraná legou um exemplo de honradez, honestidade e trabalho; principalmente ofereceu uma mensagem de renúncia à própria saúde e à própria vida pelo bem da coletividade. Adeus, professor Parigot: o Paraná lhe agradece a lição de amor, de humildade e de patriotismo”. (Editorial “Toque de Silêncio”, do “Diário da Tarde”).

“Um homem de visão, incapaz de aceitar os acenos do imediatismo, voltado integralmente ao cumprimento de missões de interesse público, governar o Paraná foi a última e, certamente, a que ele desenvolveu de forma mais completa, numa generosa doação de vida que implicou — não há dúvidas — na redução de suas próprias energias vitais”. (Editorial “Parigot de Souza” do “Diário do Paraná”, de 12.7.73).



O Professor assina o livro de presença, na inauguração da Usina Capivari-Cachoeira, que hoje leva seu nome.

USINA HIDRELÉTRICA GOVERNADOR PARIGOT DE SOUZA

DECRETO Nº 4187

O GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ, no uso de suas atribuições e

considerando que o PROFESSOR PEDRO VIRIATO PARIGOT DE SOUZA foi um dos maiores incentivadores da construção da Usina Hidrelétrica Capivari-Cachoeira, tendo emprestado o fulgor de sua inteligência e inegáveis conhecimentos ligados ao setor de energia hidrelétrica, para sua concretização;

considerando que no exercício do cargo de Presidente da Companhia Paranaense de Energia Elétrica — COPEL — a par de orientar a criação da Central Elétrica Capivari-Cachoeira S.A. com a responsabilidade direta pelo empreendimento, foi incansável na realização e conclusão dos estudos econômico-financeiros destinados à realização do audacioso projeto denominado Capivari-Cachoeira;

considerando que na sua condição de Professor de Hidráulica Teórica e Aplicada da Escola de Engenharia, da Universidade Federal do Paraná, sempre pautou sua vida no ensino criterioso e dedicado, transmitindo a seus discípulos reais conhecimentos com vistas a melhor aproveitamento da grande riqueza que constitui, para o País e para o Paraná, o potencial hidrológico; e

considerando sua efetiva participação na obtenção de recursos externos destinados ao financiamento da majestosa e imponente obra de engenharia hidráulica, fator primordial de desenvolvimento;

DECRETA

Artº 1º. Fica denominada “GOVERNADOR PARIGOT DE SOUZA”, a Usina Hidrelétrica Capivari-Cachoeira, da Companhia Paranaense de Energia Elétrica — COPEL.

Artº 2º. Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Curitiba, em 21 de agosto de 1973, 152º da Independência e 85º da República.

EMÍLIO GOMES

Governador do Estado

VÉSPERO MENDES

Secretário do Governo